

O discurso de combate à seca *versus* convivência com o semiárido: uma análise do agendamento das notícias do Jornal A União¹

Chrisley Wellen do Vale MENDONÇA²
Danilo Cezar da Silva MONTEIRO³
Douglas de Oliveira DOMINGOS⁴
Marcella Silva Mousinho MACHADO⁵
Maryellen Ingrid de Araújo BÃDÃRÃU⁶
Paula Yasmim Pessoa da SILVA⁷
Sandra Raquew Dos Santos AZEVÉDO⁸
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

Esse artigo discute os resultados parciais de uma pesquisa em andamento intitulada Observatório do Jornalismo no Semiárido, que reflete aspectos do agendamento midiático centrado nas representações sociais sobre o fenômeno das secas bem como as práticas de convivência com o Semiárido Paraibano veiculadas na imprensa local. Através do monitoramento das práticas de agendamento na mídia local, realizamos uma análise do conteúdo das matérias do Jornal A União e os resultados demonstraram que o tema da seca têm incidência superior e se concentra na solução hídrica, enquanto a questão da convivência do semiárido aborda uma pluralidade de temas, no intuito de promover práticas que envolvam diversos agentes sociais.

Palavras-chave: Agendamento; A União; Convivência; Seca; Semiárido;

Introdução

O Observatório do Jornalismo no Semiárido é um projeto de pesquisa e monitoramento de mídia, centrada no noticiário produzido pelos jornais impressos paraibanos, a saber, Correio da Paraíba, Jornal da Paraíba e a União. Nesse processo de investigação analisamos a constituição das práticas de agendamento midiático sobre a última estiagem ocorrida na Região. Segundo Documento do Ministério da Integração Nacional que Delimita o Semiárido Brasileiro, 170 dos 223 municípios, estão inclusos nessa delimitação, o que significa dizer que 75% do território do Estado é semiárido.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de Graduação. 4º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: chrisleywellen02@gmail.com

³ Estudante de Graduação. 4º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: monteirodann@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação. 4º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: douglasoliveira_96@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação. 4º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: marcellamachado_@live.com

⁶ Estudante de Graduação. 7º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: maryellen_ingrid@hotmail.com

⁷ Estudante de Graduação. 7º semestre do curso de Jornalismo da UFPB, email: yasmimpessoas@gmail.com

⁸ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do PPGC da UFPB, e-mail: criticadasmidias@gmail.com

O bioma predominante é a Caatinga, onde a região vivencia períodos de chuva que se concentram em quatro ou cinco meses por ano e caracteriza-se por um baixo índice pluviométrico. De acordo com o Ministério da Integração Nacional, podemos observar que o problema nessa região não se resume a falta de chuvas, mas a sua má distribuição no território, associada a uma alta taxa de evapotranspiração. Para nós, portanto, a seca não é percebida apenas enquanto fenômeno ambiental, mas enquanto processo sócio-histórico e significação cultural.

Ressaltamos que parte relevante do agendamento midiático produzido sobre o Nordeste Brasileiro tem sido histórico e socialmente produzido a partir da construção social de uma imagem sobre essa região do país como um espaço-problema, em virtude do fenômeno das secas. Isso colaborou, ao nosso ver, para uma manipulação de uma identidade social das populações do semiárido, a partir daquilo que é definido como um *modus operandi*, no qual a má reputação gerada tem uma função nítida de controle social, inclusive sendo operacionalizada através dos processos de agendamento na mídia. (Goffman, 1998)

Historicamente, na cobertura pela imprensa dos grandes períodos de estiagem no Nordeste, a população do semiárido era tratada sob o signo do flagelo. Neste sentido, os moradores flagelados pela seca apareciam como um atributo e enquadramento hegemônico na construção dos cenários de representação sobre a situação socioeconômica e cultural dos diferentes estados dessa região. (Lima, 2004)

Todavia, consideramos que será nas últimas décadas do século XX que começa a ganhar força no país, especialmente no Semiárido Brasileiro, um debate crítico voltado às causas estruturais das desigualdades regionais, muitas vezes retomando o clássico estudo de Josué de Castro, *Geografia da Fome* (1980), relacionando as assimetrias aos interesses políticos das elites locais, no intuito de manter o que se tornou conhecido como indústria da seca.

Esse debate foi amplamente intensificado no início do século XXI com o aparecimento de novas organizações sociais de base voltadas à formulação e efetivação de projetos alternativos de convivência com o semiárido, colocando-se claramente em confronto com um paradigma de desenvolvimento para a região pautado no combate à seca e pelo agendamento mundial sobre as mudanças climáticas.

Pensando essa realidade, observamos ainda que o surgimento de projetos a partir da ação de ONGs, sindicatos de trabalhadores rurais, associações, isto é, de movimentos sociais voltados às ações de sustentabilidade hídrica na região colaboraram fortemente para a reconfiguração semântica e social desse território, delimitado hoje como Semiárido Brasileiro.

Podemos afirmar que na Paraíba a presença do Fórum Articulação do Semiárido⁹, de certa maneira, influenciou na produção de informações e notícias sobre essa realidade, tendo em vista às práticas de noticiabilidade geradas no interior desses segmentos sociais para influenciar na divulgação destes projetos. Esse Fórum vem promovendo no semiárido paraibano o debate sobre desenvolvimento sustentável, convivência com o semiárido e agroecologia, conforme resgata Duque (2008):

Em 1993, quando mais uma seca veio atingir o semiárido, centenas de trabalhadores rurais de todo o Nordeste ocuparam a sede da Sudene, exigindo providências eficazes para amenizar a situação da população. A partir daí iniciou-se um processo de discussão envolvendo mais de 300 entidades, que culminou com um seminário Ações Permanentes para o Desenvolvimento do Semiárido Brasileiro – realizado em maio de 1993 nas dependências da Sudene. Como desdobramento, criou-se o Fórum Nordeste, que se propôs a elaborar um programa de ações permanentes, apontando medidas a serem executadas pelo governo para garantir o “desenvolvimento sustentável” do semiárido (DUQUE, 2008, p. 135-136)

Ressaltamos ainda que entre tantas iniciativas desse segmento, a construção de cisternas de placas voltadas à sustentabilidade hídrica da região, ganhou, na primeira gestão do Governo Lula status de programa governamental, denominando-se Programa Um Milhão de Cisternas. Iniciativas, a exemplo da ampliação do debate sobre a política de preservação de sementes e da biodiversidade, estímulo à produção e consumo de cultivos orgânicos, entre outras, contribuíram para, a partir de novas tecnologias sociais, o aparecimento de um agendamento na mídia sobre uma perspectiva emergente de ações de convivência com o semiárido e sua população a partir de parâmetros e de alguns atributos que se diferenciavam da retórica e estigma da seca. (McCombs, 2004; Traquina, 1999)

Ao nos debruçarmos sobre as práticas de agendamento midiático, por meio da experiência do Observatório do Jornalismo no Semiárido, identificamos que, de certo modo, houve um deslocamento de uma visão predominante sobre a seca como flagelo no noticiário, a partir de aparecimento de outros cenários de representação.

Procedimentos teórico-metodológicos

O trabalho do Observatório e que traduzimos aqui nesses resultados preliminares, foi refletir sobre os enquadramentos e atributos desse processo de agendamento que, de certo

⁹A Articulação do Semiárido Paraibano – ASA Paraíba é um fórum que reúne cerca de 300 organizações envolvidas com as temáticas da agricultura familiar de base agroecológica e convivência com o Semiárido, que atuam em mais de 160 municípios da Paraíba nas regiões semiáridas do Alto e Médio Sertão, Cariri, Curimataú, Brejo, Agreste e Seridó.

modo, deixa em evidência tensões entre dois discursos em momentos conflitantes: uma abordagem voltada ao combate à seca e outra com ênfase nas estratégias de convivência com o semiárido. Do ponto de vista teórico e metodológico monitoramos as notícias a partir do entendimento da constituição de uma agenda-setting formada a partir do noticiário dos jornal paraibano A União, órgão pertencente ao Governo do Estado da Paraíba.

A Teoria da *Agenda-setting*, nasce no interior de uma abordagem sociológica sobre os processos de produção das notícias e se define enquanto prática social em que as mídias - pelas dinâmicas de seleção, disposição e incidência de suas notícias - passam a guiar os temas sobre os quais serão discutidos publicamente. O agendamento é um complexo mapa intelectual que está em um estado incipiente, isto é, num processo evolutivo. (McCombs, 2008)

Também é importante destacar o conceito discutido por Azevêdo (2011, p.34) no qual “a hipótese de *agenda-setting* se insere dentro de uma análise sociológica dos processos de produção de notícias e se define como um tipo de efeito social da mídia”. Isto significa que o agendamento midiático influencia de forma incisiva a opinião pública, produzindo uma percepção de quais temas são relevantes ou não e ainda constrói uma imagem social dos eventos.

Ao analisarmos qualitativamente notícias veiculadas nos jornais locais, pensando o fluxo desse agendamento do fenômeno da estiagem na imprensa da Paraíba em momentos de intensificação observamos a evolução e mobilidade nos tópicos desse agendamento. Essa análise documental nos possibilitou organizar uma cartografia, a partir do fluxo desse agendamento. Optamos ainda por realizar uma análise de conteúdo pensando não só a visibilidade dessa temática na imprensa, mas também aspectos relevantes no tocante as representações sociais sobre o binômio seca/convivência com o semiárido.

A análise de conteúdo nos permite identificar, entre outras coisas, enquadramentos e atributos que são socialmente estruturados na produção social dos acontecimentos por diferentes atores sociais. Consideramos que as representações discursivas sobre o semiárido paraibano precisam ser cada vez mais percebidas, sob o horizonte de uma sociologia das mídias, na medida em que a narrativa jornalística sobre esse território e sua população se constitui a partir de uma cultura em que as relações de poder estão cada vez mais midiáticas.

Ainda que os períodos de estiagem sejam característicos do bioma da Caatinga, os desdobramentos da cobertura do fato jornalístico junto à opinião pública, entretanto, expressam a relação sistêmica entre jornalismo, construção da realidade mediada e a

sociedade. Além disso, os produtos midiáticos não relatam os acontecimentos de uma forma transparente, pois eles não contêm uma noticiabilidade “natural”. Neste sentido, pode se entender o fato noticioso como o produto final de um complexo processo iniciado através da escolha e seleção sistemática de acontecimentos, além dos temas reunidos em um conjunto de categorias socialmente construídas. (Hall, 1993, p. 153 apud Traquina, 1999)

Ao realizarmos a coleta de dados no jornal A União, utilizamos como unidade de registro as matérias jornalísticas publicadas entre o período de julho a dezembro de 2014, e janeiro a março de 2015. Tomamos como categorias de análise as temáticas seca e convivência com o semiárido, bem como a identificação nas matérias jornalísticas a partir de eixos específicas, os quais tratamos nesse trabalho como subtemas em cujas áreas estão focadas os textos jornalísticos catalogados, a saber: água/recursos hídricos; infra-estrutura; política de crédito; produção agrícola; pesquisa e desenvolvimento técnico; criação de animais; mobilização social; sementes; desertificação e gênero. Outros aspectos que levamos em conta foi o levantamento quanto aos gêneros jornalísticos, a localização das matérias jornalísticas a partir das editorias, a presença ou não de imagens, a identificação de matérias de abrangência nacional sobre as temáticas centrais veiculadas pelos jornais locais.

Mobilidade e atributos da agenda-setting do jornal A União em 2014

Nesse período, observamos que o jornal A União abordou o tema da convivência em notas, reportagens e notícias. O agendamento das matérias veiculadas foram nos níveis regional (Nordeste) e estadual (Paraíba). As notícias com ênfase na convivência refletem ações promovidas por associações como a Articulação do Semi-Árido Paraibano e Articulação do Semiárido Brasileiro, Fóruns formados por entidades que trabalham no âmbito da agricultura no Semiárido. Do Governo Federal, apenas as ações do Ministério do Meio Ambiente (MMA) aparecem no interior do agendamento. Das matérias analisadas, nenhuma delas tem assinatura de repórteres ou de qualquer pessoa da sociedade. Constatamos também que do ponto de vista da arquitetura e hierarquização do jornal, as matérias localizam-se nas partes inferiores das páginas.

A abordagem da convivência no semiárido destaca com certo protagonismo do tema da agricultura familiar. Embora no cenário de representação da estiagem, a ação dos agricultores familiares é ressaltada enfatizando suas práticas de cultivo de alimentos com o auxílio de projetos de associações e ONGS voltadas para a questão da convivência com semiárido. A maior parte das notícias com ênfase na convivência também ressalta a política

das cisternas, mostrando que os agricultores têm água pra plantar nos períodos de estiagem. Cursos de capacitação, eventos e a comercialização dos produtos receberam também espaço de divulgação no Jornal em pequenas notas ou notícias, como se pode observar abaixo:

Instituída para comemorar o Dia do Agricultor, celebrado em 28 de julho, a feira acontecerá quinzenalmente, na Praça Clementino Procópio, no centro da segunda maior cidade paraibana. O artesanato produzido pelas agricultoras dos assentamentos, queijos, doces, olhos e produtos de origem agroecológica sem uso de agrotóxicos foram comercializados por 20 agricultores (CG terá feira agroecológica - A União, 18/08/2014)

Agricultores e agricultoras da região de atuação do Fórum de Lideranças do Agreste (Folia), com a assessoria da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Centro de Ação Cultural (Centrac), organizações da Articulação do Semiárido (Asa – Paraíba), estão realizando em todo território do Agreste paraibano, um processo de preparação para a VI Festa das Sementes da Paixão, que será realizada em 2015 na Paraíba. A preparação conta com mapeamento dos guardiões e guardiãs de sementes, de bancos de sementes e com encontros e outras atividades de formação (Sementes da paixão / Agricultores do Agreste Paraibano se preparam para 6ª festa - A União, 17/08/2014)

Cuidar da água da comunidade e de toda família sempre foi uma tarefa da mulher do Semiárido. E isso não é diferente na vida das mulheres que estão participando do curso. Sempre participando da vida política de Acauã, Francisca, Iranilda, Tereza, Márcia e Rosineide aceitaram mais um desafio de participar do curso de cisterneiras e na comunidade em que moram (Quilombola conclui capacitação no RN - A União, 13/08/2014)

A troca de experiências entre os agricultores também foi focado. Inclusive, pelo noticiário se percebe o reconhecimento público de organizações de outros países que, nesse período de grande estiagem, vieram conhecer as experiências desenvolvidas na Paraíba. Esse é o quadro encontrado a partir da formulação de conceito de “convivência com o semiárido” em oposição ao de “combate à seca”. Considerar a perspectiva dos projetos de convivência com o semiárido é, de acordo com Duque (2008, p.3), reconhecer um novo modelo baseado no respeito à dignidade das populações antes consideradas como dependentes. Cria-se o espírito de mobilização e privilegia as soluções criativas para viver os momentos de escassez hídrica na região. Nessa perspectiva, afirma Duque (2008, p.3): “Seu saber tradicional e seus experimentos de manejo da natureza passaram a ser valorizados e aprimorados, no diálogo com o saber científico”.

Conjuntamente, o tema da sustentabilidade é abordado tanto no modo de promover a agricultura quanto na própria preservação do bioma. A estreita relação da “convivência” com a sustentabilidade desenvolveu dentro desse conceito três vertentes que devem ser a

preocupação dos agricultores. São elas: sustentabilidade econômica, sustentabilidade ambiental e sustentabilidade social.

Nestas comunidades onde o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1 + 2), da ASA, tem menos de um ano de atuação com a construção de tecnologias sociais de captação de água das chuvas para a produção de alimentos, as famílias já festejam as primeiras colheitas. Há moradores que além de colherem verduras para a alimentação de casa, já conseguiram uma renda extra com a venda da produção excedente (Em plena seca no Piauí / Quilombolas colhem alimentos - A União, 18/08/2014)

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) aprovou no dia de ontem [8], o Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas de Extinção da Caatinga (PAN Aves da Caatinga) com o objetivo geral de reduzir a perda e alteração de habitat, a pressão da caça, o tráfico e manter ou incrementar as populações dessas aves. O plano, que será mantido e atualizado, no site do Instituto Chico Mendes, vai vigorar até fevereiro de 2017 (Bioma Caatinga / Plano de conservação de aves em extinção é aprovado - A União, 09/09/2014)

Durante visita de intercâmbio realizada em propriedades rurais dos municípios de Água Branca e Juru, na Paraíba, agricultores e agricultoras de Teixeira, que conquistaram implementações do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1 + 2), trocaram saberes e conheceram alternativas criativas de convivência com a realidade semiárida. As famílias também conquistaram implementações e relataram para os visitantes suas histórias de vida e superação das dificuldades (Troca de saber de agricultores - A União, 23/09/2014)

Enfatizamos que mesmo num período marcado pela Copa do Mundo de Futebol, realizada no Brasil em 2014, de 12 de junho a 13 de julho, essa pauta se manteve viva no noticiário, e também serviu de gancho para uma matéria sobre a Caatinga. A matéria apresentou dados do Ministério do Meio Ambiente sobre a povoação do bioma, ressaltou sua importância e deu destaque para o tatu-bola, animal que está em risco de extinção e que foi mascote do evento, apresentando o território de modo afirmativo.

É essencialmente em áreas de Caatinga que vive o tatu-bola, animal escolhido como mascote da Copa do Mundo da Fifa deste ano. “É uma espécie exclusivamente brasileira que vive em um bioma exclusivamente brasileiro”, explica Rodrigo Castro, secretário-executivo da Associação Caatinga, instituição que propôs ao Comitê Organizador Local da Copa do Mundo, a adoção do tatu-bola como mascote (Geografia da Caatinga / Região abriga 27 milhões de pessoas - A União, 13/08/2014)

Certamente, o período de seca daquele ano favoreceu a manutenção da cobertura de temas que saíam da pauta viciada do jornalismo sobre as regiões rurais. No entanto, podemos perceber que o agendamento desses temas partiu de agentes externos ao jornal. O próprio formato do conteúdo indica ter sido produzido pelas assessorias das organizações e

associações que influenciaram a agenda. A maioria das matérias que abordavam as experiências de convivência foram acompanhadas de ganchos, ou seja, um fato que desencadeasse a produção de determinada matéria.

Por outro lado, a frequência da abordagem tradicional do combate à seca nas matérias é ainda superior ao cenário de representação das mídias voltado às práticas de convivência com o semiárido. Constatamos que notícias relacionados ao enquadramento hegemônico ocupam, em sua maioria, os espaços superiores das páginas. Novamente, os textos não trazem assinaturas de repórteres, apenas com algumas exceções. Três delas são de agências de notícias nacionais (Agência Brasil) e uma internacional (Reuters – Roma). Localmente assinam Cleane Costa e Geovaldo Carvalho.

A *agenda-setting* enfoca o combate à seca em duas vertentes. A primeira com uma abordagem mais assistencialista, divulgando projetos do Governo Federal para enfrentamento das situações tanto de estiagem quanto de excesso de chuvas, como, por exemplo, o Garantia-Safra e o programa de construção de cisternas. São financiamentos de produção, repasses, auxílio, prorrogação de prazo de pagamento de dívidas, financiamentos. Essa ajuda é vista como a garantia de “sobrevivência” dos trabalhadores rurais. Segundo Duque (2008, p. 3), um tipo de auxílio que pode amenizar a situação, mas não resolver o problema, “pois não disponibiliza para as famílias agricultoras os meios e recursos essenciais para garantirem uma produção que satisfaça as suas necessidades”.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) aumentou o valor de repasse feito aos agricultores familiares por meio de programa de incentivo a aquisição de alimentos do Governo Federal. A medida foi tomada nas modalidades de Compra com Doação Simultânea e Compra Institucional. A partir de agora, os agricultores poderão vender individualmente até R\$ 6,5 mil por ano (MDS eleva repasse feito a agricultores - A União, 16/08/2014)

A segunda abordagem subdivide-se em dois enfoques: infra-estrutura e efeitos da seca. O primeiro ressalta as obras do governo do Estado da Paraíba referente aos recursos hídricos. São, por exemplo, (re) construções de barragens, poços e adutoras. Destacam-se os valores e o empenho do Governo sobre a questão. Secretarias e órgãos ligados ao Governo como a Agência Executiva de Gestão das Águas (Aesa) e a Secretaria de Recursos Hídricos, participam ou promovem debates e cursos sobre a bacia hidrográfica do Rio Paraíba e sobre a qualidade da água.

Para executar a reconstrução do reservatório o Governo do Estado fez um trabalho minucioso, contratou várias consultorias especializadas visando a segurança na sua construção. O secretário de Estado dos Recursos Hídricos, Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, João Azevedo, explicou que a obra tem pareceres dos maiores especialistas e geólogos do país e projeto aprovado pelo Ministério da Integração Nacional (Barragem de Camará tem mais de 60% das obras concluídas - A União, 15/08/2014)

Os efeitos da seca, segundo enfoque, mostram-se através das matérias sobre decretos de situação de emergência em vários municípios paraibanos, cortes no abastecimento de água e situação crítica de reservatórios. A chuva ainda é tida como a solução para a problemática da seca no Semiárido e as precipitações são aguardadas com expectativa.

Não tem jeito. Se não chover, Campina Grande e região que dependem das águas do Açude Epitácio Pessoa, o chamado Açude de Boqueirão, sofrerá o racionamento. A Cagepa trabalha com a expectativa, dentro do cenário atual, com a implantação da medida em dezembro, quando o reservatório baixaria seu nível à marca de 100 milhões de metros cúbicos. Atualmente, a reserva é de 120.559,034, equivalente a 29,3% de sua capacidade (Boqueirão - A União, 17/08/2014)

O Governo do Estado editou novo decreto de Situação de Emergência, por um período de seis meses, em 170 municípios paraibanos afetados pela estiagem, a fim de que não haja interrupção na assistência dada às populações. O decreto está publicado na edição de ontem do Diário Oficial (Governo do Estado decreta emergência em 170 municípios - A União, 23/10/2014)

As matérias de combate a seca dominaram as páginas do Jornal A União durante o período. No Nordeste, os meses mais chuvosos são os do inverno, de junho a agosto. O período analisado foi de estiagem. Há poucos registros de chuvas período. A única ocorrência mostra que a chuva foi insuficiente para encher o reservatório de Campina Grande. A agenda-setting é construída com base na questão da água. No caso estudado, o jornal utiliza as instituições do Estado como definidores primários da informação, na promoção das ações do Estado no enfrentamento da crise hídrica.

Mobilidade e atributos da agenda-setting do jornal A União no primeiro no primeiro trimestre de 2015

No tocante ao estudo das unidades de registro, percebemos que a incidência das notícias sobre o combate à seca é bem mais numerosa do que às de convivência com o

semiárido. Por isso, resolvemos analisar primeiramente o conteúdo das notícias relativas ao combate à seca.

Sendo assim, observa-se neste primeiro grupo de notícias que há um padrão de como o tema é abordado. Primeiramente, é tratada a questão dos recursos hídricos em crise constante, um fator crítico da região. Em seguida, é mostrado como solução o emprego de recursos voltados às obras governamentais, especialmente as de infraestrutura, através da construção de barragens, adutores, etc., como expressão da assistência governamental às populações do semiárido. Exploraremos, a seguir, esse padrão de forma detalhada.

A visão dos recursos hídricos escassos como fator crítico da região do Semiárido Brasileiro é predominante e essencialmente histórica. Outros países, porém, convivem com irregularidades climáticas, como gelo e neve, e desenvolveram técnicas que possibilitaram uma melhoria substancial na qualidade de vida, além de permitirem uma convivência com ambientes considerados inóspitos. (Duque, 2008, p. 134)

Essa visão histórica e negativa das secas nas regiões do Semiárido ainda é mais notável quando comparada à estiagem que aconteceu nos estados da região Sudeste, no qual o termo “seca” é substituído por “crise hídrica”. Um exemplo que podemos destacar é o encontrado em um dos editoriais:

A crise hídrica que assola Estados do Sul e Sudeste do país, somada aos efeitos da estiagem cíclica do Semiárido nordestino, impõe novos desafios aos governos e à sociedade, no sentido de encontrar soluções urgentes, para evitar que o problema evolua, transformando-se em calamidade pública (Editorial – A União, 06/02/2015).

A repetição dos termos “obras”, “adutoras”, “barragens” atrelados à problemática da estiagem denotam o interesse em reforçar a ideia de que o desenvolvimento regional está ligado diretamente à ação governamental. Por isso, há uma presença significativa de órgãos governamentais, especialmente do governo estadual, como fonte das notícias.

Isso só reforça a visão dos estudiosos das teorias da ação política ressaltadas por Traquina (2012, p.165), que “defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção de sua visão de mundo, da sociedade, etc”.

O título “Ricardo quer carros-pipas e recursos para obras hídricas”, da edição nº 03 de 05 de fevereiro de 2015, referencia a questão dos recursos e das obras como solução para a problemática da seca, além de personalizar a figura pública – no caso, o governador do Estado

da Paraíba, Ricardo Coutinho - promovendo assim a ideia de que a solução dos problemas do semiárido reside apenas na ação dos agentes públicos.

Isso acarreta o fortalecimento de uma visão assistencialista dos moradores do semiárido, além de enxergá-los de forma passiva e fora de sua realidade social. Também percebemos que a população do semiárido não está presente nos textos jornalísticos quando o tema é o combate à seca, e quando figuram nas notícias aparecem apenas representados como “beneficiados” pelos programas governamentais.

Outro aspecto relevante na análise dessa unidade de registro é que o termo “semiárido” é utilizado apenas para delimitar o espaço geográfico. A convivência quase não é abordada e, à medida que o agendamento sobre a estiagem se intensifica, a nomenclatura é completamente abandonada.

Por outro lado, quando analisamos as notícias que pautam o tema convivência com o semiárido, percebemos uma multiplicidade de assuntos, além de um maior número de agentes que pautam as matérias, tais como: organizações não governamentais, líderes e moradores da localidade, entre outros.

Nesse contexto, há uma presença significativa no produto jornalístico do fortalecimento da comunidade local através de práticas que propiciem uma troca de experiências e que permitam a convivência em um sentido mais amplo. Um exemplo disso é a matéria que disserta sobre os eventos em torno de um encontro interestadual:

Agricultores familiares do Rio Grande do Norte, junto com integrantes do Centro Terra Viva estiveram visitando a propriedade de Vitória Dantas, localizada na Comunidade Nova Olinda, em Picuí, e puderam apreciar diversos artesanatos confeccionados por Vitória e suas filhas, Fabrícia e Fabiana [...] (Agricultores trocam experiências de convivência com o Semiárido – A União, 04/02/2015)

Também é possível perceber que a presença das organizações locais e da própria população como fontes de notícia providencia uma visão mais profunda da realidade do Semiárido, além de promover, através do veículo comunicativo, o conceito de Buarque (2002) de desenvolvimento local:

[...] um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar a explorar as potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais [...] (BUARQUE, 2002, p.13)

Outro ponto de discussão relevante é que nessas matérias com enfoque na convivência, a crise hídrica não é posta de lado, mas se mostra como mais uma das inúmeras questões a serem discutidas. A atuação governamental também está presente através de incentivos financeiros, mas também há espaço para os atores locais no agendamento.

No título “Latifúndio é entrave para a resiliência da região”, da edição nº 314 de 30 de janeiro de 2015, destacamos o tom de denúncia jornalística, bem mais presente aqui do que nas matérias que destacam o combate à seca, e que salienta em seu conteúdo como o agronegócio e o latifúndio aparecem nas matérias jornalísticas como prejudiciais aos moradores do Semiárido.

Por fim, se faz necessário que apontemos que a preocupação com o desenvolvimento sustentável e ecológico da região do Semiárido paraibano é abordada em ambas as clivagens, demonstrando assim que o desperdício de recursos naturais e as mudanças climáticas são assuntos que, no século XXI, assumem cada vez mais relevância para a agenda jornalística.

Conclusão

Sendo assim, é de suma importância destacar que os temas voltados à convivência com o semiárido, aparecem de modo mais abrangente, e garantem uma maior participação de agentes, vistos nas unidades de registro como fontes diversificadas de notícias. Embora se considere ainda que a perspectiva da convivência e sustentabilidade ainda não ganharam espaço suficiente nos veículos midiáticos tradicionais, o que facilita que uma visão arcaica da região semiárida seja propagada e não desmistificada.

Por isso, acreditamos que este trabalho tem o intuito de fazer com que os comunicadores estejam cientes de sua função social, enquanto produtores de notícia, e que possam realizar matérias que contribuam para que a região do Semiárido Brasileiro seja mais valorizada e não mais vista como um espaço-problema. As iniciativas identificadas demonstram que é viável tratar da temática do Semiárido nas páginas dos jornais.

Também salientamos que este trabalho servirá de fonte para um futuro trabalho que tratará como esse agendamento se desdobra em outros dois jornais paraibanos, a saber, Correio da Paraíba e Jornal da Paraíba, cujo propósito será de realizar uma análise comparativa entre os três jornais e perceber como as notícias veiculadas nos produtos refletem a questão da seca e da convivência.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos Azevêdo. **Mulheres em Pauta: gênero e violência na agenda midiática**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

CASTRO, Jousué de. **Geografia da fome - o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10 ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé, 1980.

DUQUE, Ghislaine. “Conviver com a seca”: contribuição da Articulação do Semi- Árido/ASA. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 17, p. 133-140, jan./jun. 2008. Editora UFPR.

GOFFMAN, Erving. **Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia. **Metodologia da pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Venício A. de. **Mídia**. 2 ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

LIMA, Venício & RUBIM, Antonio Canelas. **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004.

McCOMBS, Maxuel. **Setting the agenda: The mass media and public opinion**. Polity Press: Cambridge, 2004.

McCOMBS, Maxuel. “Um panorama da Teoria do Agendamento 35 anos depois de sua formação.” INTERCOM. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.31. n.2. jul/dez.2008.

MELO, José Marques de. **Teoria do Jornalismo - identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MELO, José Marques de. “Prefácio”. IN: LAGO, Cláudia & BENETTI, Márcia. **Metodologia da pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2ª ed. Lisboa: Veja Editora, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2012. 2 v